

Imagens de Controle, Estereótipo e Representação: discutindo fronteiras conceituais¹

Vinícius do Carmo²
Universidade Federal de Minas Gerais– UFMG

Resumo

O conceito de imagens de controle (Collins, 2000) tem ganhado destaque em diversos campos acadêmicos e sociais. Seu uso disseminado, muitas vezes próximo às ideias de representação e estereótipo, pode gerar imprecisões analíticas devido à sobreposição ou ao uso indistinto entre os termos. Este trabalho se propõe a realizar uma reflexão sobre o conceito de imagens de controle, diferenciando-o dos conceitos de representação e estereótipo, a fim de preservar sua especificidade analítica. Com base nos aportes teóricos de Stuart Hall (2016), Homi Bhabha (1998) e Patricia Hill Collins (2000), analisam-se as origens, usos e implicações desses conceitos. A partir dessa abordagem, busca-se evidenciar as nuances que distinguem a noção de imagens de controle como uma forma de operação ideológica consolidada, que perpetua um simbólico estrutural de dominação.

Palavra-chave: imagens de controle; estereótipo; representação; feminismo negro; comunicação.

Introdução

O termo imagens de controle é um dos mais importantes do pensamento feminista negro e da teoria feminista. Nos últimos anos, tem ocupado um constante lugar de interesse, sendo objeto de estudos, produção de conteúdo nas mídias sociais e investigações acadêmicas. O conceito desenvolvido por Patrícia Hill Collins (2000) é mobilizado por movimentos sociais, blogueiras, influenciadores, políticos, estudantes e docentes de diversas áreas, incluindo a Comunicação Social.

É percebida uma amplitude não somente na variedade de campos e atores que acionam o termo, mas também na heterogeneidade de seu uso. Sua relação e interação com os conceitos de representação e estereótipo faz com que esses termos apareçam quase sempre juntos, por vezes, mobilizados como sinônimos ou uma mesma ideia.

Como ocorre com outros conceitos que ficam em evidência, o conceito de imagens de controle é, em algumas situações, acionado como um termo aberto, podendo gerar a indeterminação de seu significado na aplicação à qual está sendo submetida.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail, docarmoviniccius.rj@gmail.com.

Embora flexibilização e adaptabilidade sejam elementos importantes na ciência, devido à próxima relação do conceito de Collins com os conceitos de representação e de estereótipo, é necessária uma base de entendimento comum bem estabelecida, para que não se comprometa a precisão analítica das investigações que tratam do tema.

A fim de contribuir para a delimitação teórica necessária à realização de estudos rigorosos, este trabalho tem por objetivo discutir as diferenças entre o conceito de imagens de controle e os conceitos de estereótipo e representação, buscando ainda analisar suas possibilidades de aplicação.

Referencial teórico e desenho metodológico

Nos apoiamos nos Estudos Culturais, especialmente nas produções de Stuart Hall, para fundamentar o entendimento sobre o conceito de representação (Hall, 2016). Trabalhamos a ideia de estereótipo a partir da perspectiva pós-colonialista de Homi Bhabha (1998), resgatando também o diálogo estabelecido por Hall com o autor. Após abordarmos os dois conceitos, avançamos para a ideia de imagens de controle, de Collins (2000), percorrendo seu pensamento na elaboração do conceito como parte do processo de validação de marcos teóricos a partir de epistemologias feministas negras (Carmo, 2024).

Abordadas as três ideias, realizamos aproximações e distanciamentos do conceito de imagens de controle para os conceitos de representação e de estereótipo. Pensamos nos modos de suas aplicações e mobilizações, na preocupação que a ideia de imagens de controle não se associe a um conceito vago ou que as fronteiras com os conceitos de representação e estereótipo se tornem tão difusas a ponto de que se perca o objetivo de sua elaboração e a noção de suas nuances frente aos demais conceitos.

Conclusão

Partindo da concepção mais ampla à mais específica, as representações são utilizadas inteligivelmente para expressar algo e produzir sentidos compartilhados, podendo esses sentidos serem positivos ou negativos. Nas dinâmicas de poder que existem nesse processo, a estereotipagem é a fixação do outro pela imposição de grupos dominantes da sua visão de mundo e de seus interesses por meio da ordem simbólica. Quando a dinâmica de incorporação de um conjunto de estereótipos é bem sucedida ao

ponto de influenciar instituições e condutas sociais de forma naturalizada, moldando como um grupo social é percebido, inclusive por ele mesmo, esse conjunto de estereótipos opera ideologicamente como uma imagem de controle.

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro**: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Direito, São Leopoldo, RS, 2019.

CARMO, Vinícius do. **Luta por Reconhecimento e Representação**: um estudo sobre experiências de comunicação digital de grupos marginalizados. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. 2024.

COLLINS, Patricia H. **Black feminist thought**: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. Londres: Routledge, 2000

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro, Ed. Puc-Rio, 2016.